

## **Convite ao diálogo aceito**

**De Pedro Rossi pedrolrossi@gmail.com, 13.9.12**

Caro Professor Bresser,

Como jovem professor aqui da Unicamp recebi com entusiasmo o seu convite ao diálogo. Sempre que possível tenho freqüentado os eventos na FGV como o Laporde, as AKBs e outros fóruns (em um deles o Ricardo Carneiro apresentou um texto em que sou co-autor) e sempre encontro nesses eventos um espaço de debate muito rico e, sobretudo, um espaço de construção de propostas para o Brasil. Ao longo da minha carreira, ainda incipiente, espero participar de mais eventos como esses, e mais ativamente. Concordo com o senhor que, de fato, há uma valorização excessiva e desnecessária das diferenças por parte de nós, da Unicamp. Talvez seja apenas um problema de ênfase. Pode ser que a inclusão mais sistemática no novo desenvolvimentismo do debate sobre política industrial e da política social aproxime mais os economistas da Unicamp. No plano da macroeconomia, que é a minha praia, acho que as análises do papel das finanças (ou da financeirização) também poderiam ter um espaço mais importante no novo desenvolvimentismo, pois há muita compatibilidade. Por exemplo, em minha tese de doutorado defendida esse ano, busquei mostrar como os aspectos institucionais do mercado de câmbio brasileiro e como a dinâmica da especulação e da arbitragem, sobretudo no mercado de derivativos, foram importantes para a dinâmica cambial brasileira recente. Esse tipo de análise dá suporte àquilo que o senhor descreveu em seu último artigo da Folha como um embate político entre empresários e trabalhadores e os rentistas, os últimos beneficiados por uma dinâmica especulativa e de arbitragem perversa e os primeiros, prejudicados pela distorção de variáveis macroeconômicas, como a taxa de câmbio. De todo modo, acho que há muito mais convergências do que divergências entre o que tem sido feito aqui na Unicamp e às propostas novo desenvolvimentistas, de modo que o senhor tem toda razão: o diálogo deve ser ampliado.

Um abraço  
Pedro

Obs: na última AKB o senhor comentou comigo que leu meu artigo sobre os derivativos. Se o senhor tiver algum comentário, por favor me envie.

**De Luiz Carlos Bresser-Pereira bresserpereira@gmail.com, 23.10.12**

Caro Pedro,  
Só agora vi seu e-mail velho de mais de um mês. Você está entre os melhores jovens economistas que temos hoje no Brasil, e fico feliz que esteja interessado no novo desenvolvimentismo e na macroeconomia estruturalista do desenvolvimento.

Nunca fui contra a política industrial. Pelo contrário, sempre a favor, mas a política industrial do passado se confundia com a macroeconomia, e isto não é mais possível hoje.

Em relação ao problema da distribuição você tem razão. Preciso dar mais ênfase a este ponto. Na verdade, o novo desenvolvimentismo é necessariamente social, porque, ao contrário do antigo desenvolvimentismo, que aconteceu em regimes autoritários, o ambiente político do novo desenvolvimentismo é o da democracia, e, nela, os trabalhadores têm maior força política. Por isso, para o novo desenvolvimentismo, um acordo social entre empresários, trabalhadores e burocracia pública é essencial. Para que o Brasil possa aumentar sua taxa de investimento para, digamos, 26%, será necessário depreciar o real para cerca de R\$2,60 por dólar, o que implicará, no curto prazo, em redução de salários. Mas transitoriamente. Não fase sentido uma estratégia export-led, que aumente sistematicamente o coeficiente de abertura da economia. Depois da transição, PIB e exportações devem crescer de forma equilibrada.

O processo de financeirização não pode ser ignorado. A coalizão política neoliberal que lhe dá sustento é constituída por capitalistas rentistas e por financistas profissionais que administram a riqueza dos rentistas.

A alternativa ao neoliberalismo é o desenvolvimentismo, e este implica uma coalizão de classes entre empresários, burocracia pública, e trabalhadores. E implica, portanto, em compromissos (compromises) às vezes desagradáveis. Mas o que fazer? A política é a arte do compromisso visando alcançar maioria e governar..

Um abraço cordial. Bresser.